



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 8

Quinta-feira, 29 de janeiro de 1976

N.º 413

Professor retorna dos EUA

Retornou dos Estados Unidos o professor Ricardo Marius Della Lucia, após concluir, na Universidade de Purdue, cursos a nível de M.S. e Ph.D.

O professor Della Lucia é engenheiro florestal diplomado pela Escola Superior de Florestas (ESF) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde se encontra, atualmente, prestando seus serviços profissionais.

Relatando sobre a atuação do professor Ricardo Marius Della Lucia, em Purdue, o professor John F. Seuft, daquela Universidade, dirigiu correspondência ao diretor da ESF, professor Roberto da Silva Ramalho, afirmando, entre outras coisas, que "Ricardo foi um excelente estudante e cavalheiro. Ele fez uma ótima representação da UFV aqui



O professor Ricardo Marius Della Lucia.

em Purdue. Finalizou, agradecendo ao diretor da ESF a cooperação e assistência por ter deixado o Dr. Della Lucia, em Purdue, trabalhar conosco".

Theódulo é o novo reitor da UFOP



O presidente da República assinou ato designando o professor Theódulo Pereira para exercer o cargo de reitor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em substituição ao engenheiro Geraldo Parreiras, falecido em novembro último. Antigo professor da Escola de Minas, o professor Theódulo Pereira já exerceu importantes cargos.

Há muitos anos é integrante da equipe associada de Minas, exercendo, atualmente, o cargo de superintendente de Imprensa dos Diários Associados de Minas Gerais. O novo reitor da UFOP, recentemente, visitou a Universidade Federal de Viçosa, oportunidade em que manteve contatos (foto) com o reitor Antônio Fagundes de Sousa.

Oitocentos mil dólares canadenses



O encontro com o agente canadense.

Esteve em Viçosa, cumprindo uma visita de dois dias (quinta e sexta-feira passadas), o sr. Zeno M. Santiago, Agente de Planificação da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA), oportunidade em que se reuniu com a diretoria e chefes de Departamentos da Escola Superior de Florestas (ESF) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), para discutir os detalhes finais de um acordo de cooperação técnica entre a UFV e a CIDA.

Em setembro de 1974 foram iniciadas as conversações

sobre o acordo e no primeiro trimestre de 1975 estiveram em visita à UFV os srs. Pierre Bolduc, da CIDA; Benard Darnel, primeiro secretário da embaixada do Canadá no Brasil; e Vidar J. Nordin, diretor da Faculdade de Florestas da Universidade de Toronto, com o objetivo de verificar as reais possibilidades do acordo, surgindo, na ocasião, um plano de assistência técnica, oferecimento de bolsas-de-estudos e de equipamentos, que soma um montante de 800 mil dólares canadenses.

UFV terá computador mais moderno



Técnicos da CAPRE e da UFV debateram a troca do equipamento de computação da Universidade.

O professor Fábio Ribeiro Gomes, que vem desenvolvendo gestões no sentido da implantação do Plano Diretor de Informática, da Universidade Federal de Viçosa, manteve contato com os técnicos Nilton Braga e Marilene Campos, da Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (Capre), da Presidência da República, em reunião que teve a presença do diretor do Centro de Planejamento e Desenvolvimento da UFV, técnicos e professores da Universidade.

Neste encontro, foram debatidas questões ligadas ao Plano Diretor de Informática da UFV, tendo o economista Antônio Alessandro de Barros, diretor do Ceplad, explicado que "foi estudada, ainda, a troca do atual sistema de computação da Universidade, por outro, mais moderno, que oferecerá maior velocidade e agilidade operacionais, conforme

está exigindo o atual desenvolvimento da Instituição".

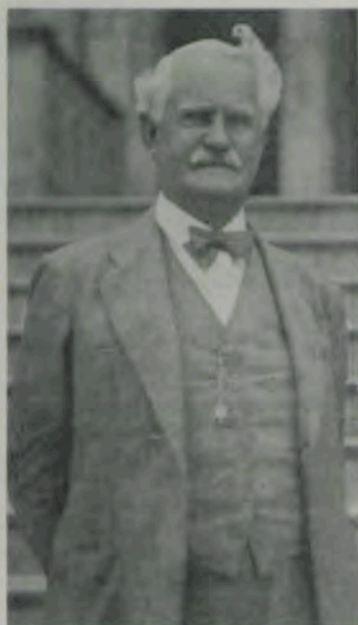
O equipamento atual

Atualmente, o Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal de Viçosa possui um computador IBM-1130, de terceira geração, equipado com uma leitora-perfuradora IBM-1442, com a capacidade de 450 cartões por minuto; uma impressora IBM-1403, de 600 linhas por minuto; e um traçador de gráfico IBM-1627.

A Unidade Central (CPU) do equipamento tem a capacidade de 16 K, de memória (cada K corresponde a 1024 bytes-caracteres), possuindo, ainda, cinco unidades de discos magnéticos com a capacidade de 1024 bytes cada uma.

O seu equipamento periférico consta de cinco perfuradoras IBM-059 e uma classificadora IBM-083.

Os cinquenta anos da Univ



O doutor Peter Henry Rolfs.

Agora que a Universidade Federal de Viçosa (UFV) chega ao ano de seu cinquentenário de fundação, surge o desejo, em todos os corações ufevianos, de recordar fatos e ocorrências da Instituição, ao longo destes seus cinquenta anos de existência.

Acontecimentos, aparentemente insignificantes; outros de grande realce e tantos mais havidos na vida da UFV, foram-se juntando, como blocos de pedra vigorosos, durante estes cinquenta anos, até formarem este maravilhoso monumento educacional, erigido aqui em Viçosa, na Zona da Mata, para orgulho dos mineiros engrandecimento do Brasil.

Assim, numa série de reportagens, artigos, crônicas e outras peças jornalísticas e históricas, iremos contando a vida da Universidade Federal de Viçosa, em seus acontecimentos, às vezes conhecidos para muitos, mas, desconhecidos para outros tantos.

Queremos que os leitores do UFV INFORMA participem deste trabalho histórico-jornalístico, transformando-o num verdadeiro diálogo, através

do envio, à redação da Imprensa Universitária da UFV, de informações sobre fatos do passado da Universidade, por mais insignificante que lhes pareçam.

Centenas de ex-alunos, professores e funcionários da UFV, hoje vivendo por toda parte do Brasil, certamente terão alguma coisa de valor a nos contar, sobre a Universidade do seu tempo, valendo como uma oportunidade de recordação para os seus contemporâneos.

Hoje começaremos a falar sobre os primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa, sua filosofia básica, sua "célula mater", a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), e as inclinações científicas, educacionais e extensionistas que a animaram, desde a sua fundação até os dias de hoje.

* * *

Finda a época da exploração do ouro, que proporcionou ao Estado, uma fase de opulência e brilho, as atividades Agrícolas passaram a ocupar grande parte da população de Minas Gerais. A pecuária, embora um derivativo para o aproveitamento das terras empobrecidas, não constituiu uma solução do problema para a população rural, dado o empirismo com que era praticado.

A miséria e o desespero castigavam os rurícolas, pedindo uma providência. Muitos homens públicos, em diversas épocas, preocuparam-se com o problema, porém, coube ao doutor Arthur da Silva Bernardes a glória de lançar as bases para a sua solução. Foi assim que, na qualidade de Presidente do Estado (cargo que corresponde hoje ao de Governador) e tendo como seu Secretário de Agricultura o doutor Clodomiro Au-

gusto de Oliveira, iniciou o processo pela assinatura da Lei n.º 761, de 6 de setembro de 1920, que autorizava o Governo do Estado a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária, situando-a no local que melhores condições apresentasse para o seu funcionamento.

A Lei deixou bem claro o espírito que deveria dominar a Instituição, conforme pode verificar-se pelo Art. 4.º: "Esta Escola terá por objetivo ministrar o ensino prático e teórico da Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentais que concorram para o desenvolvimento de tais ciências no Estado de Minas Gerais".

Resolveu o Governador do Estado, de início, que a Escola fosse estabelecida nos moldes dos "Land Grant Colleges", dos Estados Unidos da América, cujas atividades nos três campos básicos da filosofia em que foram fundados: ensino, pesquisa e extensão, deram extraordinário desenvolvimento à agropecuária daquele país.

Ainda, em 1920, o Presidente do Estado pediu ao então embaixador do Brasil em Washington, José Cochrane de Alencar, que conseguisse do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, através do Departamento de Estado; a indicação de um especialista capaz de "fundar, organizar e dirigir uma Escola de Agricultura moderna". Aceito o convite o doutor Peter Henry Rolfs ("Bachelor of Science", 1889; "Master of Science", 1891; "Doctor of Science", 1920 e, finalmente, Diretor do "Florida Agricultural College", da University of Florida, no período de 1915 a 1920, passou a servir o Estado de Minas Gerais a primeiro de janeiro de 1921. Rolfs partiu de New York,

com sua família, a mesmo mês, e chegou ao Rio de Janeiro a 4 de janeiro. Em Minas, eleveu-se no Grande Belo Horizonte iniciou seus trabalhos em acordo com o cabiam-lhe, além da função do Estabelecimento as missões específicas colaborar na escola local e de apresentar ao Governo os planos de construções e os programas gerais de ensino.

Tendo trabalhado como organizador da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, de primeiro de janeiro de 1921 até o início das aulas, em 1.º de agosto de 1921, nomeou-se o doutor Rolfs primeiro Diretor. Exercesse cargo até primeiro de fevereiro de 1929, quando transferiu ao João Carlos Bello e passou a desempenhar as funções de Coordenador Técnico de Agricultura de Minas Gerais.

O primeiro conjunto de regulamentos foi apresentado ao Governo do Estado, pelo doutor Rolfs, em 10 de agosto de 1921. Ele eram propostas



O bar

idade Federal de Viçosa - I

ntes seções básicas: Veterinária, Agronomia, Horticultura, Moléstias das plantas e Insetos, Solos, Mecânica Agrícola, Química, Silvicultura, Língua Portuguesa, História do Brasil e Matemática”.

Da escolha do local para a instalação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária foi imbuída uma comissão constituída do então Diretor de Agricultura da Secretaria de Estado, doutor Alvaro da Silveira e doutor P. H. Rolfs, auxiliados pelos doutores Armino Bolivar e Mário Monteiro Machado. A respeito do assunto, assim se manifestaram os membros da comissão:

Doutor Alvaro da Silveira — “Dos terrenos que visitei nas vizinhanças de Ubá, Rio Branco, Viçosa e Ponte Nova, prefiro-me, a meu ver, os denominados “Marechal Luiza”, situados à pequena distância de Viçosa”.

Doutor P. H. Rolfs — “Tomando a questão sob todos os aspectos e estudando-a em seu

conjunto, não há dúvida de que Viçosa é o melhor dos quatro lugares para localização da Escola Superior de Agricultura e Veterinária”.

Com base no relatório final da comissão, o Presidente do Estado, pelo Decreto n.º 5.806, de 30 de dezembro de 1921, aprovou os planos e a planta da futura Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) autorizando, ainda, fossem desapropriados os terrenos necessários à sua edificação.

Numa tentativa de aquisição amigável das situações agrícolas escolhidas e procurando evitar uma desapropriação pura e simples, o doutor Fernando de Mello Vianna, então Procurador Geral do Estado esteve pessoalmente em Viçosa, a fim de realizar a compra dos terrenos. As dificuldades que enfrentou foram realmente sérias, conforme se pode julgar por suas próprias palavras: — “O pior é a resistência passiva dos vendedores. Não sei se conseguirei levar a cabo a empreitada, pois nunca tive missão igual.



O doutor João Carlos Bello Lisboa (Indicado pela seta) com os agronomandos de 1932 e professores.

É preciso ter uma dose grande de paciência e provisão de coragem”. Afinal, por 294:800\$000 foram comprados os 453 hectares que constituíram o núcleo inicial da área existente.

Resolvido o problema, baixou o Vice-Presidente do Estado, em exercício, doutor Eduardo Carlos Vilhena do Amaral — autorizado pela Lei n.º 761, de seis de setembro de 1920 — o Decreto n.º 6.053, de 30 de março de 1922, que criou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária e a instalou em Viçosa.

A primeira turma de trabalho, constituída de alguns foíceiros e um carpinteiro, iniciou suas atividades em 18 de janeiro de 1922.

Demarcados os terrenos e determinadas outras providências iniciais foi, a 10 de junho de 1922, com assistência de grande público, lançada a pedra fundamental do principal edifício e também a primeira de toda a construção.

Grandes dificuldades

marcaram o início das obras. O primeiro diretor instalou-se em uma casa de pau-a-pique, sem vidraças, que a princípio, não dispunha de luz elétrica.

O primeiro engenheiro-chefe foi o doutor Honório Hermeto Corrêa da Costa, que esteve à frente do serviço até 11 de julho de 1922. Prosseguiram os trabalhos sob a chefia do doutor Mário Monteiro Machado, até 16 de dezembro, quando foi nomeado para o cargo o doutor João Carlos Bello Lisboa que, tendo funcionado como engenheiro auxiliar, de 14 de julho a 16 de dezembro de 1922, permaneceu daí por diante à testa da obra até sua conclusão.

Ao assumir o cargo de engenheiro-chefe mandou o doutor Bello Lisboa levantar estatística de todo o pessoal que trabalhava na construção. Relativamente à saúde, verificou o médico João Baptista Brito a porcentagem de 100% de doentes. Quanto à instrução comprovou-se que havia 92% de analfabetos.



da Escola Superior de Agricultura e Veterinária.

Cacau baiano pode beneficiar-se com coletores de energia solar

A energia solar poderá ser aproveitada ininterruptamente para a secagem do cacau produzido na Bahia, com duas vantagens julgadas de muita importância pelos técnicos: eliminação da secagem a lenha, que as vezes enfumaça e desclassifica o produto para o mercado externo, e redução do prazo da secagem por insolação direta.

A viabilidade econômica da instalação de coletores de energia solar na região cacauzeira da Bahia, para a substituição gradativa dos processos atuais, foi constatada "in loco" pelo professor Jafar Untar, do Departamento de Engenharia Agrícola da Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa.

Métodos inadequados

Um estudo sobre os processos de secagem de cacau utilizados na região cacauzeira da Bahia — explica o professor Jafar Untar — foi feito, em 1974, por um técnico do Instituto de Produtos Tropicais dos Estados Unidos, George Breag, que, ao apresentar o seu relatório,

afirmou: "Os sistemas de secagem nem sempre são adequados e os fazendeiros não têm condições de satisfazer alguma demanda urgente de cacau ou não estão à altura de processar as amêndoas regularmente em épocas de maiores produções".

Segundo outro técnico do mesmo Instituto — continua o professor —, "se o estabelecimento contribuisse com o programa de secagem atual, a produção cacauzeira poderia aumentar de 180 toneladas/ano para 250 mil toneladas/ano em 1980. Das duas zonas em que se divide a região cacauzeira baiana, a que mais necessita de secagem artificial é a Sul, onde a precipitação pluviométrica é maior".

Com pequenas divergências, o professor Jafar Untar concordou com o técnico George Breag, quando ele, após visitar 48 grandes e pequenas fazendas cacauzeiras, concluiu pela necessidade de modernizar os processos de secagem (barcaças, sistema tubular, estufa e secador a gás) para aumentar a produtividade do cacau.

O processo mais usado — a captação de energia solar direta através das barcaças — é o mais adequado de todos mas apresenta como inconvenientes a descontinuidade, o longo tempo necessário à secagem (média de sete dias) e o alto preço do custo da unidade — Cr\$ 35 mil a 40 mil. O coletor de energia solar, além de secar continuamente, indiferente à noite e às chuvas, completa o processo em três dias e meio.

Outro processo muito usado é o da secagem a lenha, que apresenta o gravíssimo inconveniente de enfumaçar o cacau se a manipulação não for bem feita, o que ocorre na maioria dos casos. Enfumaçado, o cacau tem seu cheiro e qualidade alterados e se desclassifica como produto de exportação. Além disso, o consumo de lenha é grande e ela começa a escassear na região.

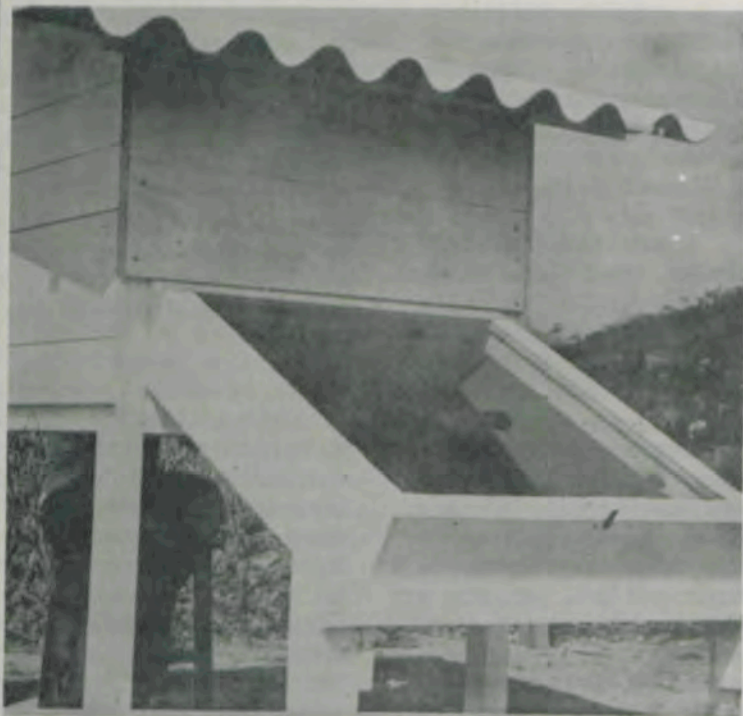
Viabilidade econômica

O professor Jafar Untar — que montou um coletor de energia solar para avaliar a quantidade

que ele poderia captar e armazenar na região de Viçosa a partir do número de horas de insolação diária e da radiação incidente — apresentará à Comissão Executiva de Planejamento Econômico Rural da Lavoura Cacauzeira (Ceplac), ainda este ano, seu estudo de viabilidade econômica da instalação de coletores na zona cacauzeira, provavelmente em Itabuna.

Afirmando que a energia solar é onerosa para grandes demandas, o professor Jafar Untar assinala, no entanto, que ela se torna econômica quando captada para atender a pequenas demandas, próprias do meio rural, tais como: aquecimento de ambientes, secagem de grãos e aquecimento de água para fins domésticos, entre outras.

Os coletores tubulares planos desenvolvidos em Viçosa, além de usarem a água como fluido refrigerante e armazenador, são construídos com material facilmente encontrado no mercado interno e captam tanto a energia solar radiante direta como a difusa.



Coletor de energia solar desenvolvido pelo professor Jafar Untar.



O professor Jafar Untar